

PRÁTICAS LINGUÍSTICAS, SIGNIFICADOS SOCIAIS E EXPRESSÃO DE IDENTIDADES: O CASO DE (-STE)

LINGUISTIC PRACTICES, SOCIAL MEANINGS AND EXPRESSION OF IDENTITIES: THE CASE OF (-STE)

Kamilla Oliveira do Amaral (UFSC)

amaralkamilla17@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-2094-0561>

RESUMO: *Com base em uma articulação teórica entre Sociolinguística Variacionista, Antropologia Linguística e Sociologia (LABOV, 2008 [1972]; ECKERT, 2005, 2012, 2016, 2018, 2019; SILVERSTEIN, 2003; KIESLING, 2013; BOURDIEU, 1983), o objetivo deste artigo é refletir sobre os significados sociais das práticas linguísticas dos sujeitos e em que medida tais significados podem expressar suas identidades, atitudes e ideologias. Para subsidiar esta reflexão, analisamos o item (-STE) usado na comunidade de práticas virtual (CPV) Tal Qual Dublagens. Exploramos o uso desse item a partir de como os membros e não membros dessa CPV o avaliam. Considerando o diálogo entre os dados e a articulação teórica, chegamos ao entendimento de que os significados sociais potencialmente indexicalizados por (-STE) são múltiplos e dinâmicos e constituídos por diferentes camadas, que podem se articular e se organizar de forma dialética: (i) uma relacionada a macrocategorias; (ii) outra a relação de grupo, seja de grupo regional, seja de grupo social; e (iii) outra a comportamentos e escolhas individuais. Essas camadas estão intimamente correlacionadas com uma noção de identidade que é plural e múltipla, sendo esta também constituída por camadas que se articulam dialeticamente e que estão assentadas em um contexto sociocultural e ideológico mais amplo.*

PALAVRAS-CHAVE: *significados sociais; práticas linguísticas; expressão de identidades; contexto sociocultural e ideológico; Sociolinguística Variacionista.*

ABSTRACT: *Based on a theoretical articulation between Variationist Sociolinguistics, Linguistic Anthropology and Sociology (LABOV, 2008 [1972]; ECKERT, 2005, 2012, 2016, 2018, 2019; SILVERSTEIN, 2003; KIESLING, 2013; BOURDIEU, 1983), the aim of this article is to reflect on the social meanings of subjects' linguistic practices and on the extent to which such meanings can express their identities, attitudes and ideologies. To support this reflection, we analyze the item (-STE) used in the virtual community of practice (VCP) Tal Qual Dublagens. We explore the use of this item based on how members and non-members of this VCP evaluate it. Considering the data and the theoretical articulation, we understand that the social meanings potentially indexicalized by this item are multiple and dynamic and constituted*

by different layers, which can be articulated and organized dialectically: (i) one related to macro-categories; (ii) another to group relations, either regional or social group; and (iii) another to individual behaviors and choices. These layers are closely correlated with a notion of identity that is plural and multiple, which is also constituted by layers that are articulated dialectically and that are always grounded in a broader sociocultural and ideological context.

KEYWORDS: *social meanings; linguistic practices; expression of identities; sociocultural and ideological context; Variationist Sociolinguistics.*

1 Para iniciar a discussão

A entrada de novos meios de comunicação na sociedade diversifica a forma com que as pessoas se relacionam e se identificam dentro e fora dessas relações, o que tensiona inclusive as noções de tempo e espaço em que essas relações podem ser estabelecidas (GUTIERREZ, 2009). Neste novo tempo e espaço introduzido pela Pós-Modernidade, entendida principalmente como uma transformação sociocultural que colapsa os modos de ser e de se reconhecer no mundo, a concepção de identidade, como parte constitutiva do sujeito, antes visto como estável, coerente, harmônico, também é tensionada (HALL, 2006).

Em um mundo pós-moderno, a ideia de unicidade, homogeneidade e fixidez não mais traduz a identidade; pelo contrário, ela deve ser vista como múltipla, heterogênea, mutável e que acompanha um sujeito pós-moderno, que é deslocado, desterritorializado, fragmentado, múltiplo, e que coabita e estabelece relações sociais nos mundos físico e virtual (HALL, 2006).

Essa noção tem implicações muito relevantes para o estudo sobre línguas, pois nos dá a abertura para explorar em que medida esse sujeito pós-moderno usa a língua para (i) criar novas e diferentes relações, sobretudo em territórios que antes não eram ocupados, como o ciberespaço, por exemplo; (ii) estabelecer novos e diversificados significados sociais para suas práticas; (iii) (re)construir sua(s) identidade(s); e (iv) relacionar modos de fala/escrita com modos de participação no mundo social (KIESLING, 2013).

Diante disso, o interesse desta pesquisa é expandir as discussões teórico-metodológicas acerca dos significados sociais das práticas linguísticas dos sujeitos, de modo a articular Sociolinguística Variacionista, Antropologia Linguística e Sociologia (LABOV, 2008 [1972]; ECKERT, 2005, 2012, 2016, 2018, 2019; SILVERSTEIN, 2003; KIESLING, 2013; BOURDIEU, 1983). Além disso, interessa-nos refletir sobre como esses significados podem expressar as ideologias, atitudes e identidades desses sujeitos. Tais identidades não são fixas

nem definidas e determinadas *a priori*, mas podem ser (re)construídas e (re)negociadas em meio a outros processos semióticos e ideológicos (ECKERT 2008, KIESLING, 2013), os quais podem ser estabelecidos durante a interação com outros indivíduos e grupos sociais em diferentes espaços, sejam físicos, sejam virtuais. Esses temas são discutidos na Seção 2.

Tendo tais reflexões como pano de fundo, analisamos na Seção 3 o item (-STE)¹ – conforme ocorrências (1), (2), (3) e (4) a seguir – usado em uma comunidade de práticas virtual (CPV), a Tal Qual Dublagens, aqui entendida como um grupo de pessoas que compartilham um conjunto de práticas, as quais podem estar associadas a comportamentos, pontos de vistas, opiniões, valores e preceitos, relações de poder, formas de se comunicar (ECKERT, 2006); e, com base nisso, “formam redes de relações pessoais no ciberespaço” (RHEINGOLD, 1995, p. 20). É importante destacar que, diferentemente de trabalhos anteriores (AMARAL, 2020, 2021), que analisaram aspectos de produção de (-STE), nesta pesquisa tomamos como ponto de partida a forma como os membros e não membros dessa CPV avaliam o uso desse item.

(1) “@talqualdublagens não encontrei mais esse vídeo no YouTube tu removeste foi.? Ai mana UOH.. queria tanto fazer meu Dubsmash com esse vídeo...”

(2) “bichaaaaa senhora não quer ser mais fina é??? Comeste churrasquinho de gato na feirinha do Campos Elisios e não quistes ir pro Taykô! [...]”

(3) “[...] pisestes no bodostes pelo amor de deustes”

(4) “#NoPainstes #NoGainstes..km”

Considerando os objetivos e interesses desta pesquisa, o presente artigo cota com mais três seções, além desta introdução (Seção 1). Na Seção 2, apresentamos uma discussão teórico-metodológica a partir de uma articulação entre autores representativos da Sociolinguística Variacionista, Antropologia Linguística e Sociologia, colocando luz no significado social das práticas linguísticas dos falantes e em como esses significados podem expressar as identidades, atitudes e ideologias desses sujeitos. Na Seção 3, com base nas reflexões geradas na seção anterior, exploramos o caso do item (-STE) na CPV Tal Qual Dublagens. Essa seção conta com uma contextualização do objeto e da referida comunidade, assim como a apresentação de resultados de trabalhos anteriores sobre o item; uma breve descrição do instrumento de análise

¹ A notação do item entre colchetes indica que se trata de uma macroforma que codifica treze formas alternativas de uso: -ste, -stes, -stez, steys, stesh, -stis, -stex, -rte, -rtes, -rtis, -rtex, -rtix, -rtyx.

(formulário com perguntas e respostas) e a análise em si. Por fim, na Seção 4, apresentamos algumas considerações finais.

2 Discutindo o significado social: articulações teórico-metodológicas

Como já mencionado, para este artigo, propomos pensar articuladamente sobre o significado social a partir de um diálogo entre Sociolinguística Variacionista, Antropologia Linguística e Sociologia, tomando como referência os seguintes autores: Labov (2008 [1972]), Eckert (2005, 2012, 2018, 2019), Silverstein (2003), Kiesling (2013) e Bourdieu (1983).

Desde a década de 1960, com os trabalhos fundantes de William Labov, os estudos variacionistas têm passado por inúmeras remodelações teórico-metodológicas que trouxeram para a cena sociolinguística pós-moderna novas perspectivas, abordagens e concepções de variação e de significado social.

Tomando como critério o significado social e as práticas analíticas, Eckert (2005, 2012) propôs uma sistematização desses estudos, categorizando-os no que ela denomina como as três ondas dos estudos variacionistas. A primeira onda, conhecida pelos estudos tipicamente labovianos, é marcada por trabalhos cujo principal interesse está em estabelecer relações entre variáveis linguísticas e *macrocategorias sociais* – classe socioeconômica, sexo/gênero, faixa etária, etnia – (LABOV, 2008 [1972]) a partir da observação de padrões linguísticos compartilháveis por membros de comunidades de fala (CF)². Nessa abordagem, o significado social da variação reflete a estratificação social dos falantes, e a variação estilística é analisada em função de maior ou menor monitoramento da fala, limitando a capacidade agentiva do falante a situações de autocorreção (ECKERT, 2012).

Por outro lado, a segunda onda, marcada por pesquisas de cunho etnográfico, considera que as variáveis linguísticas podem expressar um leque variado de significados sociais e que, por isso, estes não funcionam somente como marcadores de macrocategorias sociais, mas também de *categorias socioculturais e demográficas locais*. Tais significados podem ser estabelecidos e negociados pelos falantes no seio das relações que estes estabelecem em grupos,

² Grupo de pessoas que compartilham um conjunto de normas a respeito do uso da língua. O estabelecimento desse tipo de comunidade se dá considerando critério territoriais e de localização geográfica. Fazendo um paralelo com as categorias de comunidades definidas pelo sociólogo Peter Willmott (1986), comunidades de falas podem ser entendidas como comunidades de lugar.

sejam redes sociais³, sejam comunidades de práticas (CP)⁴, o que envolve uma camada a mais de agentividade do sujeito. Com a ampliação da noção de significado social, amplia-se também a de variação estilística. Sendo assim, essa perspectiva assume que os sujeitos usam a língua para revelar uma variedade de traços de identificação social durante a interação em grupos dos quais fazem parte.

A terceira onda é marcada pela centralidade no significado social da variação e nos sujeitos como seres autônomos e agentivos. Nessa perspectiva a variação é tomada como um *sistema sociosemiótico* amplo e os significados sociais expressos pelas variáveis linguísticas (i) são subespecificados, o que significa dizer que eles podem indexicalizar uma variedade de informações sociais sobre o falante a partir de uma única forma linguística; (ii) são implícitos, o que permite que os falantes expressem coisas sobre eles mesmos e sobre o mundo social, em termos de identidade, atitude e ideologia (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016), sem precisar dizer tais coisas explicitamente; e (iii) são combinados, o que se relaciona com a noção de que as variáveis não adquirem significado social isoladamente, mas sim através da sua relação com esses significados e deles com outros significados, sendo, portanto, criados e recriados durante a prática linguística e combinados e recombinados através de processos contínuos de bricolagem – processo em que um dado recurso já disponível na língua pode ser reinterpretado e combinado com outros para construir uma entidade com significação mais complexa (ECKERT, 2005).

Ainda que a noção de mutabilidade e multiplicidade do significado social seja central nessa abordagem, é importante destacar que, quanto mais as inovações linguísticas e seus respectivos significados forem propagados, difundidos e incorporados pelos membros de uma dada comunidade, mais sensíveis a uma automatização eles ficarão, o que significa que os significados, uma vez estabelecidos, podem vir a se convencionalizar ainda que temporariamente. Isso não quer dizer que os falantes não possam novamente escolher conscientemente, através de novas negociações, novos significados para suas práticas, mas em um dado momento esses novos significados podem se convencionalizar novamente. É um

³ Redes de relacionamento estabelecidas pelos indivíduos na vida cotidiana e que geralmente envolvem relações de graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho) etc. (MILROY, 2002).

⁴ Grupo de pessoas que compartilham um conjunto de práticas, o que geralmente envolve comportamentos, atitudes, opiniões, ideologias, formas de se comunicar, de se vestir etc. O principal ponto que difere uma CP de uma CF é o fato de que para uma CP as práticas em comum, o engajamento entre os falantes, e não somente o lugar, é que definem a formação desse tipo de comunidade. Novamente fazendo um paralelo com a classificação de Willmott (1986), comunidades de práticas podem ser consideradas como *comunidades de apego*, justamente porque são os falantes que escolhem ou não as integrar, dependendo do nível de identificação que estabelecem com os demais integrantes.

processo contínuo e cíclico que envolve por um lado, as escolhas conscientes de um sujeito agentivo, e por outro, a ação que resulta do *habitus*, entendido por Bourdieu (1983, p. 65) como

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...].

Além disso, nessa perspectiva, as noções de ordem indexical e campo indexical também são trazidas para o centro das discussões. A indexicalidade é uma propriedade dos signos linguísticos e está relacionada à associação e interpretação que é estabelecida pelos falantes entre um signo e o que ele pode evocar no mundo físico, temporal, ou social, em um determinado contexto e situação (ECKERT, 2019). Para Silverstein (2003), a atribuição de significados aos signos indexicais não se dá de modo arbitrário. Uma vez que a prática social discursiva está sempre assentada em um contexto sociocultural e ideológico mais amplo, os significados sociais de um índice, de alguma forma, refletem o modo como os sujeitos culturalmente interpretam a relação dialética entre significados mais globais e mais locais, o que remete à noção de ordem indexical.

Dentro dessa perspectiva, a ordem indexical é entendida como uma realização performática de uma estrutura já constituída de valor semiótico (SILVERSTEIN, 2003) e pode se dar simultaneamente e ao longo do tempo em múltiplas direções, estabelecendo um conjunto de significados correlacionados, os quais, em dado momento, constituem o que Eckert denomina como *campo indexical* – “constelação de significados ideologicamente relacionados, os quais podem ser ativados nas situações de uso das variáveis” (ECKERT, 2008, p. 454)⁵.

Segundo Silverstein (2003), a ordem indexical se dá através de uma competição dialética entre *índices de primeira ordem e de segunda ordem*. Índices de primeira ordem remetem à identificação de variáveis dialetais que podem ser diferenciadas social ou demograficamente (ECKERT, 2018). Contudo, à medida que os falantes passam a usar esses mesmos índices (ou variáveis) como estratégias de identificação e diferenciação social, seja de forma interpretativa, seja de forma performática, isto é, ativando ou não o nível de consciência, esses signos passam a funcionar como *índices de segunda ordem*.

A indexicalidade de segunda ordem, portanto, consiste em uma variabilidade de significados que se sobrepõem etno-metapragmaticamente ao significado pressuposto do índice

⁵ “[...] constellation of ideologically related meanings, any one of which can be activated in the situated use of the variable.”

de primeira ordem. E é sobretudo através desse cenário que podemos dizer que os mecanismos sociossemióticos da língua permitem que os falantes combinem e articulem as dimensões macro e micro de identificação, que não refletem somente aspectos sociais, mas ideológicos na construção dos significados sociais potencialmente indexicalizados pelas variáveis linguísticas (SILVERSTEIN, 2003).

Eckert (2018) argumenta que embora essa ordenação indexical pareça implicar uma linearidade quanto aos significados sociais dos signos, esse não é o objetivo de Silverstein (2003). Sendo assim, do modo como entendemos, as ordens de indexicalidade de uma variável reforçam a ideia de que os significados sociais são expressos em diferentes camadas de identificação social que se articulam dialeticamente e estão assentados sobre um matiz sociocultural e ideológico amplo. De forma análoga, a construção da identidade, manifestada também na linguagem, é complexa e integra camadas tanto globais quanto locais de significado social de modo dialético (KIESLING, 2013).

A fim de elucidar as discussões e reflexões apresentadas nesta seção, a seguir propomos uma análise do item (-STE) usado na comunidade de práticas virtual Tal Qual Dublagens

3 Os significados sociais de (-STE) na comunidade Tal Qual Dublagens

Nesta seção, propomos explorar um uso linguístico em uma comunidade de práticas virtual. Primeiramente, apresentamos uma contextualização sobre o lócus e o objeto de análise, incluindo resultados de trabalhos anteriores. Em seguida, descrevemos o instrumento de geração de dados e o perfil dos sujeitos de pesquisa e, por fim, partimos para o olhar mais direto para os dados.

3.1 Contextualização da pesquisa

Fazendo referência à definição já apresentada na Seção 1, entendemos como comunidade de práticas virtual aquela constituída por um grupo de pessoas que interage, estabelece relações, compartilha traços sociais, linguísticos, comportamentais, assim como ideologias, atitudes, opiniões, valores, no ciberespaço – compreendido aqui como um contexto que integra o contexto sociocultural humano já existente (GUTIERREZ, 2009). Desse modo a *Tal Qual Dublagens* é tomada como uma CPV considerando esses termos.

Primeiramente é necessário esclarecermos que *Tal Qual Dublagens* se refere neste texto tanto à comunidade quanto à página em que a comunidade interage. Sendo assim, aquela foi estabelecida posteriormente à criação e à consolidação desta no ambiente virtual.

A *Tal Qual Dublagens* enquanto página foi criada inicialmente como canal no *Youtube* em 2011 e posteriormente no *Facebook* (ainda em 2011) e no *Instagram* (em 2013) pelo humorista manauara Gustavo Libório. Os conteúdos produzidos nessas plataformas giravam em torno de dublagens que o próprio criador fazia de vídeos da Internet. Nos primeiros anos após a criação da página, esses conteúdos eram direcionados mais especificamente para a comunidade LGBTQ+ e para os amazonenses, os quais foram os primeiros integrantes da CPV Tal Qual Dublagens. Contudo, como a página adquiriu um alcance global ao longo do tempo, a comunidade também aumentou e se diversificou, passando a integrar sujeitos de perfis múltiplos e heterogêneos.

Quanto ao criador da página, que também é um membro bastante relevante na comunidade, chama a atenção o seguinte: Gustavo, também chamado como “titia Tal Qual”, tanto na produção de seus conteúdos (que engloba vídeos, dublagens e posts escritos) quanto na interação direta com seus seguidores, usa uma linguagem que está relacionada a alguns dos traços sociais que o constitui, como por exemplo, algumas expressões consideradas típicas do amazonense – *já mesmo, até o tucupi, até o talo* (FREIRE, 2011), haja vista sua naturalidade manauara –; e algumas expressões do dialeto bajubá/pajubá – *fazer a chuca, viado, boy* (SILVA & PALHETA, 2008; BARROSO, 2017), considerando sua orientação sexual (homossexual autodeclarado).

Já no que se refere aos seguidores e potenciais membros da comunidade, apesar de serem de diversos estados e países, observa-se uma presença mais significativa, tanto nas redes sociais quanto nos encontros presenciais⁶ (realizados antes da pandemia), de sujeitos naturais dos estados do Amazonas ou do Pará, mais especificamente dos municípios de Manaus e Belém, respectivamente. Outro fato relevante é que, além de compartilharem esse traço sociodemográfico com a “titia Tal Qual”, há outro traço social compartilhado: a orientação sexual, ou, no caso de mulheres heterossexuais em contato com o universo gay, um alinhamento a esse universo.⁷

⁶ Esses encontros presenciais referem-se aos shows de *Stand-up Comedy* que Gustavo realizava em Shoppings e Teatros da cidade de Manaus.

⁷ A CPV também integra homens heterossexuais, mas eles correspondem a uma parcela muito pequena, e, são os que menos interagem nas redes sociais desse grupo.

Observando criticamente essa comunidade há alguns anos, mais especificamente durante uma etnografia virtual realizada no perfil da *Tal Qual Dublagens* no Instagram entre 2018 e 2020, tivemos especial interesse no uso do item (-STE), como nos exemplos apresentados na seção anterior, pelos seguintes motivos: (i) o item possui uma alta produtividade na página; (ii) em alguns casos configura um uso altamente inovador, possivelmente restrito a algumas comunidades; e (iii) oferece um grande potencial de discussão sobre significado social e identidade no mundo virtual. Considerando isso, tenho explorado o uso desse item em outras pesquisas, que elucido a seguir.

Em Amaral (2020b) partindo da análise do uso de (-STE) em posts e comentários no Instagram da *Tal Qual Dublagens*, discutimos o processo de variação e expansão de contextos de uso de (-STE). Verificamos que há pressões morfossintáticas, semântico-pragmáticas e socialmente simbólicas responsáveis pela quebra de regras que normatizam o uso canônico de (-STE)⁸. Com esse rompimento, emergem novas configurações gramaticais, além da canônica, que envolvem três novas bases contextuais: *verbal não canônica*, *não verbal* e *palavras de origem estrangeira*, como em (5), (6) e (7), respectivamente.

(5) *Hahahahahah amava te vertes no bbbestes [...]*

(6) *Vala titia misericordiartes*

(7) *“sorrstes”*

Paralelamente a isso, a categoria gramatical de *sufixo flexional* vai sendo gradativamente atenuada, desencadeando também o enfraquecimento da funcionalidade prototípica de (-STE) (Referência passada ao interlocutor - RPI)⁹. Enquanto isso acontece, o item passa a assumir duas novas categorias gramaticais – *espécie de clítico*, como em (5), e *espécie de sufixo derivacional*, como em (6) e (7) – e a desempenhar outra função concomitantemente à função prototípica (RPI). Essa nova função, de caráter socialmente

⁸ Entendemos como uso canônico de (-STE) a seguinte configuração: P2 sujeito *tu* e verbo no pretérito perfeito do indicativo (PP), como se pode observar em (1). Note-se que (-STE) correferencia tanto P2 e sujeito *tu*, que estão no escopo da desinência número-pessoal (DNP), quanto PP e \emptyset , que dizem respeito à desinência modo-temporal (DMT). Nessas condições, em que o item aparece numa configuração verbal canônica (podendo se realizar com alterações fonético-fonológicas), a referida macroforma assume a categoria de sufixo flexional e desempenha a função comunicativa prototípica de referência passada ao interlocutor.

⁹ O nome da função prototípica de (-STE) foi revisto e redenominado como *Referência passada ao interlocutor* em Görski *et al* (2022).

simbólico, está associada aos significados sociais que (-STE) indexicaliza, tema explorado em Amaral (2021).

Em Amaral (2021), com o foco na variação, discutimos o significado social indexicalizado por (-STE) e chegamos ao entendimento de que tal significado se distribui em diferentes camadas que se articulam dialeticamente (SILVERSTEIN, 2003; KIESLING, 2013): uma relacionada a macrocategorias e outra a relações de grupo (seja de grupo regional, seja de grupo social). Vejamos.

Em configuração gramatical canônica, sobretudo quando a forma *standard -ste* é realizada, como em (8) “*Mana, tu arrasaSTE*”, o uso do item sinaliza uma situação de marcação de concordância padrão – a qual carrega traços sociais e estilísticos, tais como: prestígio, formalidade e alta escolaridade; e sociodemográfico: local de origem, conforme Scherre *et al.* (2015), em relação ao falar amazonense, especialmente de Manaus. Tais traços constituem uma camada de significado social global que (-STE) indexicaliza: a camada de macrocategorias.

Além disso, parece haver mais uma camada de significado social indexicalizada concomitantemente pelo item, a qual remete a *relações de grupo* – tanto grupo regional, no caso da associação do uso de (-STE) a “ser amazonense”, ou mais especificamente “ser manauara”¹⁰; quanto grupo social, no caso do uso de (-STE) estar associado à comunidade *Tal Qual Dublagens* e à comunidade LGBTQ+ (cf. Barroso, 2017)¹¹.

Em ambos os estudos, a amostra principal nos oferecia poucos indícios, que se manifestam através de metacomentários dos seguidores, sobre os significados sociais de (-STE), seja pela associação do uso do item a um dialeto, como em (9) “*talqualdublagenseu te amoSTES! Eu e minhas bailarinas cabocas como eu falamos esse dialeto o fds todoSTES. ObrigadaSTES*”; seja pela referência a (-STE) com uma noção de pertencimento à comunidade, como em (10) “[...] *nosso STES rompendo fronteiras*”. Embora esses dados tenham sido relevantes para o desenvolvimento da análise, nosso entendimento sobre os significados sociais indexicalizados pelo item estava respaldado em trabalhos anteriores correlacionados (SILVA, PALHETA, 2008; BABILÔNIA, MARTINS, 2015; MARTINS, MARTINS, 2014; SCHERRE *et al.*, 2015; BARBUIO, 2016; AMARAL, 2016; VASCONCELOS, 2017; BARROSO, 2017)

¹⁰ Amaral (2016) e Vasconcelos (2017) evidenciam que a troca de -s por -r constitui um traço característico da variedade manauara, como ocorre com as formas *-rte, -rtes, -rtis, -rtex, -rtix, -rtix*. Como, em alguma medida, a comunidade *Tal Qual Dublagens* integra a comunidade de fala manauara, entende-se que esse significado é retido no campo indexical de (-STE).

¹¹ Apesar de a naturalidade manauara, a orientação sexual à homossexualidade e o pertencimento/alinhamento à comunidade LGBTQ+ serem características em comum de uma parcela significativa dos membros da comunidade, é importante considerar que nem todos vão compartilhar esses mesmos traços.

e em alguns outros dados gerados na etnografia. Contudo, a sensação era de que havia mais para ser explorado, sobretudo em relação ao modo como os membros e não membros da comunidade percebem e avaliam o uso de (-STE). E é o que fazemos a seguir. Antes descrevemos o instrumento de geração dos dados e um breve perfil dos sujeitos de pesquisa.

3.2 Instrumento de geração de dados

Como instrumento de geração de dados, desenvolvemos um formulário com perguntas envolvendo a linguagem na Internet e, mais especificamente, o uso de (-STE). O formulário foi aplicado via Formulários Google para 21 pessoas, sendo 11 seguidores e 10 não seguidores da *Tal Qual Dublagens*; entre elas, pessoas próximas a mim (parentes e amigos) e outras que essas pessoas indicaram. Todas elas são residentes na cidade de Manaus. A maioria é natural da referida cidade, mas há pessoas de outras cidades do estado do Amazonas e do estado do Pará. A idade dessas pessoas varia entre 15 e 39 anos. São pessoas com diversas profissões/ocupações, entre elas: estudante, estagiária, funcionária pública, secretária, industriária, atendente de balcão, profissional da contabilidade e professor(a); e a maioria já possui ou ainda não concluiu o ensino superior.

Em relação ao formulário, este ficou estruturado e dividido em sete seções. A primeira seção consiste na apresentação do formulário. A segunda seção, intitulada “Identificação”, contempla questões que serviram para a construção do perfil dos sujeitos. A terceira, intitulada “Você e o mundo virtual”, aborda questões sobre o sujeito e a Internet, com vistas a observar a frequência de acesso, conteúdos mais procurados e redes sociais mais acessadas, o que, juntamente com os dados de identificação da seção anterior, ajuda a delinear um perfil mais completo desse sujeito, com informações que são relevantes para esta análise. A quarta seção, intitulada “Avaliando os usos da língua(gem)”, abarca mais diretamente questões sobre a avaliação do fenômeno. Nessa seção, apresentamos várias ocorrências em que (-STE) aparece e solicitamos que os sujeitos informem se usariam ou não determinada sentença. A quinta seção, intitulada “Contextos de uso de -ste”, contém as perguntas que se referem diretamente ao sentido atribuído ao item nos exemplos e se ele estaria associado a características regionais, de formalidade, de sexo/gênero, ou a alguma situação comunicativa específica. A sexta seção, intitulada “Usos de -ste: identidade e pertencimento”, engloba especificamente perguntas sobre a relação entre o uso do item e questões de identidade e pertencimento. E a sétima, intitulada “Construindo o perfil”, conta com algumas características que possam estar

associadas ao uso de (-STE), sendo solicitado aos sujeitos que atribuam valores a elas com base em uma escala de 0 a 5, em que 0 corresponde ao menor valor e 5 ao maior.

É importante ressaltar que, apesar de termos nos baseado em testes de percepção, esse formulário não tem essa pretensão. O que almejamos com esse instrumento é analisar o que esses sujeitos têm a dizer sobre o uso do item e fortalecer as hipóteses aventadas em Amaral (2021).

3.3 Os significados sociais de (-STE): o que os falantes têm a dizer?

Esta subseção refere-se à análise dos dados obtidos do formulário acima descrito e tem como norteador a hipótese central levantada em Amaral (2021): “o significado social do uso de (-STE) se distribui em diferentes camadas que se articulam dialeticamente: uma relacionada a macrocategorias e outra a relações de grupo (seja de grupo regional, seja de grupo social)”. Sendo assim, exploramos a questão das diferentes camadas de significado social potencialmente indexicalizadas por (-STE), colocando-as em diálogo com as respostas obtidas e com as reflexões teórico-metodológicas realizadas na Seção 2.

Iniciamos analisando a camada de macrocategorias.

Em um dado momento do formulário aplicado, fizemos a seguinte pergunta: “*há algo que chama sua atenção ou causa estranhamento nas frases a seguir: ‘mana, tu arrasaste’; ‘minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes’; ‘eu ameistes) titia,) vou fazer’; ‘a senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes’; ‘tu é ignorante demaistes’ e ‘titia já déstes entrada no bolsa familiares?’*”? Das 21 respostas, destacamos, as dos membros da CPV Tal Qual Dublagens. Eles são identificados como S1; S2; S3; S4; S8, S9, S10, S11, S14, S17 e S21.

S1: *Não há nenhum estranhamento em relação as palavras ou frases citadas acima.*

S2: *Pra mim é natural*

S3: *Não, esse é o meu amazonês*

S4: *Nadartes, até porque eu usortes diretortes kkkkk*

S8: *Me chama a atenção da adaptação de deuses para essa linguagem, ficando "deutes". O mesmo acontece com boystes, que embora uma palavra de origem no inglês, acaba sendo adaptada para essa nova forma de falar. Muito interessante.*

S9: *A flexão dos verbos me causa repulsa de alguma forma, não sei explicar.*

S10: *Já vi essas expressões nas redes e entendo que são usadas com tom humorístico.*

S11: *Boystes, a sonoridade me parece uma palavra pesada, como "bosta". Arrasandostes e grelhandostes é muito repetitivo.*

S14: *Não há nenhum estranhamento em relação as palavras ou frases citadas acima..*
S17: *A insistência do uso dos morfemas da segunda pessoa do singular*
S21: *Não*

Note-se que cada uma das ocorrências/frases mostradas para esses sujeitos remete a diferentes tipos de uso de (-STE) e mesmo em contextos inovadores, de uma forma geral foram avaliadas positivamente, com exceção de S9, S11 e S17, que destacam estranhamento ou aversão a ocorrências específicas. Respostas como essas corroboram a hipótese de que as inovações linguísticas envolvidas no uso do referido item, independentemente da base contextual, do tipo de uso e da forma realizada, parecem expressar, ainda que não de forma absoluta, um certo tipo de prestígio entre os membros da CPV Tal Qual Dublagens, um *prestígio encoberto* (TRUDGILL, 1972). Por outro lado, quando se trata de não membros, identificados como S5, S6, S7, S13, S15, S16, S18, S19 e S20¹², a avaliação é mais parecida com as respostas de S9, S11 e S17 (membros). Note-se que quanto a essa pergunta, dos não membros, somente S20 fez um comentário negativo mais voltado a uma percepção mais ampla, não se limitando às palavras, como fizeram os outros, e S18 não demonstrou estranhamento ou qualquer comentário negativo.

S6: *Grelhandostes, boystes, deustes, bodostes*
S12: *Bodostes*
S13: *Ameiste acho estranho*
S15: *O aumentativo das palavras*
S16: *Bodostes, boystes, arrasadostes, grelhadostes, ameistes*
S18: *Não*
S20: *Uma certa falta de maturidade*

Na pergunta seguinte, “ *você se sentiria confortável em fazer o uso do -ste(s) como nos exemplos apresentados na sua fala do dia a dia? Por quê?* ”, observa-se que os não membros, em sua maioria¹³, parecem seguir compartilhando uma percepção negativa a respeito do uso de (-STE), com exceção de S16.

S5: *não, pois não acho legal*
S6: *Não, porque estaria falando errado.*
S7: *Não, pois não pertença ao grupo que usa tais vocábulos*
S15: *Não, acho chato*
S16: *Sim*
S18: *Não, acho chato ficar usando o tempo todo*

¹² S5, S7 e S19 não responderam essa pergunta.

¹³ S7 e S19 não responderam essa pergunta.

S20: *Não sou a moda antiga e tenho certa dificuldade*

Por outro lado, entre os membros parece não haver uma concordância de todos, e quando respondem favoravelmente trazem algumas condições para os usos de (-STE). Vejamos a seguir.

S2: *Sim. É comum no meu meio de convivência.*

S3: *não, é muito informal e difícil de pronunciar.*

S4: *Eu uso com amigos, não com estranhos, até porque não entenderiam. Um exemplo é quando eu falo com amigos de outros estados e eles não entendem.*

S8: *Sim. Entre amigos funciona, ainda mais se entenderem que esse uso nada tem a ver com a tentativa de falar o português da forma mais correta ou prestigiada, mas sim de humor.*

S9: *Não, porque não é necessário, a linguagem cotidiana é muito rápida, não seria possível pensar em casa flexão de verbo.*

S10: *Na fala comum do dia a dia não, mas em brincadeiras com amigos, sim.*

S11: *Sim, mas tudo depende do contexto onde estaria inserida. Em uma conversa com amigos, por exemplo, usaria pelo fato de haver a descontração, o humor e a informalidade.*

S14: *Não, porque é algo legal sai da sua zona de conforto em falar sempre formal é algo Alegre e divertido.*

S17: *Eu uso porque está muito internalizado por causa da internet*

S21: *Apenas em situações informais com pessoas próximas.*

O que é depreendido das respostas acima é que ainda que o uso do item não tenha sido avaliado negativamente e tenha adquirido um prestígio encoberto pelos membros da CPV Tal Qual Dublagens, isso não significa que ele pode ser usado livremente, pois há restrições quanto ao contexto, sendo majoritariamente usado em situações informais, e quanto aos outros participantes da interação, limitando-se a amigos, familiares e pessoas próximas em geral.

A existência dessas restrições, sobretudo a última, aciona um entendimento de que esses sujeitos se sentem mais confortáveis para fazer o uso do (-STE) com pessoas que integram os grupos dos quais fazem parte. Além disso, S7 (não membro) pontua que não só não faz o uso do item, como não o faz porque não pertence ao grupo. Isso traz à tona uma noção de identificação social que não se limita a macrocategorias, mas se estende a aspectos mais subjetivos e ideológicos que são compartilhados somente por quem pertence à comunidade e, de certa forma, sente-se legitimado a fazer esses tipos de uso.

Considerando os dados acima, a camada de macrocategorias está sensível a duas interpretações contextualmente estabelecidas pelos sujeitos, que se dão a partir da relação dialética entre significados mais globais e mais locais (SILVERSTEIN, 2003). Isso sugere que (-STE) ora é tomado como *índice de primeira ordem*, já que indexicaliza traços de identificação social e demográfica, sobretudo quando a forma *standard -ste* é realizada; ora é tomada como

índice de segunda ordem, já que os membros da CPV em questão o utilizam como estratégias de identificação e diferenciação social, estabelecendo significados mais localmente situados.

No que se refere à camada de relação de grupos, e nesse caso, mais especificamente *de grupo social*, apresentamos algumas evidências favoráveis à hipótese de que (-STE) está fortemente associado à comunidade LGBT+ (cf. BARROSO, 2017) e à comunidade Tal Qual Dublagens, o que é, de certa forma, ratificado pela maioria dos membros (S1, S3, S4, S8, S9, S10, S11, S21): “*you acha que o uso de -ste(s) é mais característico de algum sexo/gênero específico? Qual?*”. Em relação aos não membros, em relação a essa pergunta, S16 e S20 associam ao sexo feminino, e o restante não faz associação alguma.

S1: *No meio LGBT sim, é como uma linguagem que usamos pra conversar com as pessoas que são adeptas a essa linguagem.*

S3: *homossexuais e mulheres*

S4: *Sim, geralmente os gays usam mais, mas as pessoas que seguem a Tia Tal Qual também usam algumas vezes.*

S8: *Creio que fica muito entre o sexo feminino e homossexuais, tendo uma predominância de homossexuais sexo masculino e transsexuais/travestis*

S9: *Dos homossexuais*

S10: *Tenho a impressão de que é comum na comunidade LGBT, mas não posso afirmar com certeza*

11: *Ao meu ver, principalmente entre os meninos homossexuais.*

S21: *Sim, o feminino e o homossexual*

Em relação aos membros, destaca-se S1, que além de pertencer à CPV *Tal Qual Dublagens* faz parte também da comunidade LGBT+, o que fica evidente na passagem “*uma linguagem que usamos*”, incluindo-se em tal grupo social. No caso de S9, S10, membros da CPV em questão, fazem associação do uso de (-STE) à comunidade LGBT+ mesmo não se considerando parte desse grupo, em resposta à pergunta: “*you se considera como parte desse grupo?*”. S3, S8, S11, S17 e S21 parecem se reconhecer, em alguma medida, como membro da comunidade LGBT+, ou alinhados e a favor da causa LGBT+. Quanto aos não membros, em outro momento do formulário, somente S5 associou o uso de (-STE) como marca de identidade de comunidade LGBT+.

O que depreendemos desses dados é que essa camada de significado social indexicalizado por (-STE) é expressa de modo mais saliente para quem faz parte da comunidade – e nesse caso, inclua-se a CPV *Tal Qual Dublagens* e a comunidade LGBT+, que potencialmente são comunidades sobrepostas. Tal saliência sugere que os traços que constituem essa camada estão em um alto nível de consciência desses sujeitos, pelo menos no que se refere

aos membros, mesmo quando (-STE) é usado na base verbal canônica. E isso possivelmente ocorre (i) porque esses sujeitos, principalmente aqueles que se afiliam tanto à comunidade *Tal Qual Dublagens* quanto à comunidade LGBT+, são responsáveis pela construção e estabelecimento desse significado nessas comunidades, deixando evidente a habilidade criadora e agentiva desses sujeitos; e/ou (ii) porque o uso de (-STE) foi registrado (fazendo referência ao termo “*enregisterment*” (AGHA, 2003), o que significa que o referido item passou a ser associado ao estilo desses grupos sociais. O enregistramento de (-STE) pode ser um indicativo de que, pelo menos essa camada de significado social, foi convencionalizada, ainda que temporariamente (conforme a noção de *habitus*), já que o sujeito (agentivo) pode constantemente remoldar e ressignificar significados convencionalizados.

Diante disso, a noção de identidade envolvida na construção da camada de identidade de grupo social indexicalizado por (-STE) parece estar relacionada a aspectos subjetivos e ideológicos ainda mais específicos/locais, indicando, portanto, como categorias microssociais de identificação podem ser expressas a partir de fenômenos linguísticos variáveis (SILVERSTEIN, 2003). Nesse sentido, o uso de (-STE), no que se refere à expressão da camada de significado de identidade de grupo social, é um *índice de segunda ordem*, já que parece funcionar como estratégia de identificação e diferenciação social.

Ainda na camada de relações de grupo, mas desta vez de grupo regional, a hipótese de que (-STE) indexicaliza um certo tipo de identidade regional parece se fortalecer, de um modo geral, porque dez sujeitos, incluindo S1, S2, S3, S4, S8, S14 e S21 (membros) e S5, S7 e S20 (não membros) associam o uso de (-STE) à Região Norte, ao Amazonas e a Manaus, em resposta à pergunta: “*você acha que o uso de -ste(s) é característico de alguma região do Brasil? Qual? Zona urbana ou rural?*”.

Entretanto, mesmo assim, tal significado acaba sendo menos proeminente do que a expressão de identidade de grupo social, possivelmente porque nem todos os membros da CPV em questão possuem a naturalidade manauara (como os sujeitos acima referidos possuem) e, portanto, podem não compartilhar os mesmos traços sociolinguísticos. E mesmo que todos fossem manauaras ou da Região Norte em geral, a regionalidade sugere um nível de identificação baseada no lugar de nascimento e/ou moradia, e tal aspecto parece não ser suficiente para a manutenção de relações sociais e formação de comunidades na dimensão online (WELLMANN, 2000). Já no caso da identidade de grupo social, como se trata de um nível mais complexo de identificação, haja vista que está mais relacionada a características mais subjetivas e ideológicas dos sujeitos, ela é capaz de formar e consolidar relações sociais mais

significativas e, por isso, a expectativa é que cada vez mais os signos utilizados na comunidade em questão indexalizem essa camada de significado social.

Outro ponto importante a destacar é que um dos principais objetivos da *página Tal Qual Dublagens* é produzir conteúdos que gerem entretenimento e humor. Nesse contexto, para muitas pessoas, a linguagem utilizada por Gustavo ou “titia Tal Qual” pode remeter a um cenário de estilização, sobretudo no que se refere ao uso de (-STE).

Tal estilização parece ser percebida de modo geral por alguns sujeitos de pesquisa. Em resposta à pergunta “*você usa ou já usou -ste(s) da mesma forma que nos exemplos apresentados?*”¹⁴ *Se sim em que situações isso se deu?*”, as respostas de S8 (que se considera integrante da comunidade LGBTQ+), de S10 e de S11, por exemplo, evidenciam isso.

S8: *Já sim. Mas em 60% das vezes foi para causar comicidade na fala. Por vezes usei em sala dando aula. Em outras usei na praça da ENS com os meus amigos em meio a piadas.*

S10: *Em brincadeiras com amigos, dentro e fora das redes sociais. Na fala comum do dia a dia não, mas em brincadeiras com amigos, sim.*

S11: *Já utilizei imitando a linguagem pajubá, em mensagens de WhatsApp trocadas com minha amiga de Manacapuru.*

Além disso, tais respostas parecem acrescentar mais um ponto importante na análise: S8, S10 e S11 fazem o uso de (-STE) somente em algumas situações e com objetivos específicos. Nesse sentido, eles se utilizam dos significados indexicalizados pelo referido item para performar maneiras de mostrar uma de suas máscaras sociais para o “outro”. E isso se dá, ao que tudo indica, por meio de constantes processos de (re)construção de persona (ECKERT, 2008, 2012). Tais processos caracterizam-se como práticas estilísticas desses sujeitos e como essas práticas são fortemente entretidas por componentes ideológicos, elas estão conectadas ao processo de construção de identidade(s) social(is).

Para quem não faz o uso de (-STE), quem não pertence à comunidade e não estabelece qualquer tipo de identificação com a Tal Qual Dublagens, tal uso pode ser avaliado como um estereótipo, como indica a resposta de S12 (não membro) à pergunta “*você se sentiria confortável de fazer o uso de -ste(s) na sua fala do dia a dia? Por quê?*”.

S12: *Não. Parece ser caricato.*

¹⁴ Esses exemplos remetem às ocorrências resultantes da pergunta: “*há algo que chama sua atenção ou causa entranhamento nas frases a seguir: ‘mana, tu arrasaste’; ‘minha nossa senhora! Ainda bem que tu melhorastes’; ‘eu ameistes titia, vou fazer’; ‘a senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes’; ‘tu é ignorante demaistes’ e ‘titia já destes entrada no bolsa familiartes?’*”.

Em relação a questões avaliativas, tecemos alguns comentários. No nosso entendimento, a avaliação de um determinado tipo de uso se refere muito mais a uma avaliação social do que a uma avaliação linguística em si, tendo em vista que ambas as instâncias não são tomadas separadamente. Em face disso, entende-se que os signos linguísticos indexalizam a relação entre os usuários desses signos e os contextos específicos nos quais esses signos são usados. São os significados indexicais que nos permitem fazer correlações entre o que é dito e as características de quem disse.

Pensando sobre isso, na última seção do formulário, solicitamos aos 21 sujeitos que atribuíssem valores de 0 a 5 (sendo 0 o menor e 5 o maior valor) a respeito de doze características relacionadas à pessoa que faz o uso de (-STE), seja em base verbal canônica, não canônica, seja em base não verbal. Os resultados são apresentados na Tabela 1. O total dos valores se dá a partir de um cálculo de média simples.

Tabela 1 – Valores atribuídos a características de quem usa (-STE)

Sujeito	Femini- lidade	Mascu- linidad e	Sociáv- el	Engra- çada	Séria	Rude	Exibid- a/Meti- da	Extrav- agante	Escola- rizada	Jovem	Conect- ada às redes sociais	Cabeç- a aberta
S1	3	2	3	5	1	0	0	5	4	5	5	5
S2	1	1	4	5	1	1	2	2	5	3	5	5
S3	4	2	5	5	3	0	5	5	4	5	5	5
S4	0	0	2	3	2	3	1	3	5	5	5	5
S5	5	3	5	5	2	4	4	4	4	5	5	4
S6	4	3	1	5	0	0	0	5	1	5	5	5
S7	3	3	5	4	3	0	0	3	3	4	5	5
S8	4	1	5	4	0	0	0	3	4	5	5	5
S9	5	1	4	0	0	0	2	5	3	3	4	5
S10	3	3	5	5	5	1	0	1	4	3	4	5
S11	3	2	5	5	2	1	3	4	3	5	5	5
S12	4	2	3	5	0	1	3	5	3	5	5	4
S13	3	0	-	5	0	0	2	3	4	5	4	3
S14	3	2	3	5	1	0	0	5	4	5	5	5
S15	2	2	2	1	1	0	0	2	2	1	2	2
S16	5	4	5	2	4	4	5	3	5	3	3	5
S17	4	3	5	5	2	1	1	1	5	5	5	5
S18	3	3	1	1	0	0	1	0	5	5	5	5
S19	4	4	2	3	0	0	2	2	1	5	5	3
S20	5	3	3	4	2	5	5	5	0	3	4	2
S21	5	0	5	5	0	0	0	5	2	5	5	5
Total	3,47	2,09	3,47	3,90	1,19	0,8	1,76	3,52	3,33	4,33	4,61	4,42

Fonte: elaborado pela autora (2022).

Com base na Tabela 1, observam-se as características mais fortemente associadas à pessoa que faz o uso de (-STE). Entre elas, destacam-se: (i) conectada às redes sociais (média de 4,61); (ii) cabeça aberta (média 4,42) e (iii) jovem (4,33). Além dessas, (iv) *engraçada* também recebe uma média alta de 3,90, e está fortemente relacionada ao tom humorístico associado por esses sujeitos ao uso do item, como mostra a resposta de S11 em relação à pergunta “quanto ao grau de formalidade, como você avalia o uso de -ste (s)?” e de S8 no que diz respeito à pergunta “você se sentiria confortável em fazer o uso do -ste(s) na sua fala do dia a dia? Por quê?”.

S11: *Informal, uma vez que além de me remeter a página Tal Qual Dublagens, me faz pensar no humor entrelaçado aos diálogos com homossexuais ou uma imitação deste diálogo, como acontece muitas vezes em conversas entre meninas também.*

S8: *Sim. Entre amigos funciona, ainda mais se entenderem que esse uso nada tem a ver com a tentativa de falar o português da forma mais correta ou prestigiada, mas sim de humor.*

A resposta de S8 toca em um ponto que, embora não tenhamos explorado nesta pesquisa, merece um destaque. Além de todos os traços socioidentitários que elucidamos ao longo desta seção, (-STE) parece estar fortemente associado a uma função humorística, a qual também pode estar correlacionada à emergência dos usos inovadores do item, justamente porque esse recurso humorístico, a nosso ver, configura-se como mais uma marca de identificação desse grupo social.

Ainda observando os dados da Tabela 1, vale ressaltar que, comparada às características acima citadas, *rude* (0,8), *séria* (1,19), *exibida/metida* (1,76) e *masculinidade* (2,09) são as que menos se associam ao uso de (-STE). Quanto às duas primeiras (*rude* e *séria*), é plausível que recebam valores baixos, já que tais características, em alguma medida, são contrárias à *engraçada*, que representa uma das funções que o item desempenha: função humorística.

Em relação a *exibida/metida*, a hipótese inicial era de que em alguns casos, como em base verbal canônica, o uso de (-STE) pudesse ser associado a essa característica, já que em Manaus, de onde a maioria dos sujeitos de pesquisa são naturais, o subsistema *tu* + concordância canônica não ocorre em falantes de baixa escolaridade e, entre os falantes graduados, apresenta baixa concordância (BABILÔNIA; MARTINS, 2015). Sendo assim, o fato de um manauara fazer o uso de (-STE) em base verbal canônica, que envolve uma situação de concordância canônica, vai de encontro à tendência apresentada, o que nos levou a entender que essa pessoa poderia ser percebida por outros manauaras como *exibida/metida*. No entanto, como podemos

observar, tal característica não se mostrou relevante o suficiente, pelo menos não em relação aos dados apresentados. Talvez, se outros dados ou mais dados de base verbal canônica tivessem sido apresentados, os resultados seriam diferentes.

Em relação à característica *masculinidade*, a expectativa era de que ela recebesse índice baixo, devido à forte associação de (-STE) com a comunidade LGBT+, principalmente homens gays. Isso não significa que homens gays são necessariamente femininos nem que não possam ter traços mais masculinos, mas, com base no imaginário comum, a feminilidade parece estar mais relacionada a esses homens. No entanto, embora o resultado indique que *masculinidade* não é uma característica tão proeminente quanto ao uso de (-STE), quando comparada a *feminilidade* (3,47), nota-se uma diferença não muito substancial entre as médias. Uma das possíveis explicações para isso é que a diferença entre as duas características não esteja muito clara para os sujeitos de pesquisa.

Quanto às demais características, observamos que *escolarizada* (3,33), *sociável* (3,47) e *extravagante* (3,52) estão, de um modo geral, associadas ao uso de (-STE). No entanto, nos questionamos se elas, sobretudo estas últimas, teriam sido consideradas pelos sujeitos de pesquisa se não tivessem sido apresentadas no formulário. Consideramos isso, porque, diferentemente de *escolarizada*, que aparece em outros momentos nas respostas dos sujeitos de pesquisa, *sociável* e *extravagante* somente é mencionada nesse ponto do formulário.

Para finalizar, considerando as camadas de significado indexicalizadas por (-STE), as quais explicitamos ao longo desta seção, desenvolvemos um diagrama do tipo nuvem de palavras, como vemos na Figura 1.

significados integram o campo indexical das variáveis e, a depender da situação de uso, podem ganhar mais ou menos relevo durante a prática estilística. Isso quer dizer que a existência de uma nova camada não pressupõe o desaparecimento das outras ou a sobreposição de uma em relação a outra, nem que haja uma espécie de sequência cronológica de ocorrência ou uma única direção pela qual elas percorrem: por exemplo, macrocategorias > relações de grupo > comportamentos individuais. O que parece ocorrer, ao que tudo indica, é que alguns traços que compõem essas camadas se tornam mais ou menos salientes a depender das negociações e renegociações que os próprios sujeitos estabelecem dentro das mais variadas comunidades a que pertencem.

4 Considerações finais

Buscamos neste artigo discutir os significados sociais das práticas linguísticas dos sujeitos e, para elucidar tal discussão, exploramos o caso do item (-STE) usado na *CPV Tal Qual Dublagens* considerando as avaliações que os sujeitos, seguidores e não seguidores da página, têm a respeito do uso desse item. Tomando como ponto de partida as hipóteses levantadas em Amaral (2016), os dados analisados nesta pesquisa evidenciam que o campo indexical de (-STE) é composto por diferentes camadas de significado social: uma que evoca características associadas a macrocategorias sociais e sociodemográficas – (como nível de escolaridade e local de origem, por exemplo); outra, a relações de grupo – tanto grupo regional, no caso da associação do uso de (-STE) a “ser amazonense”, ou mais especificamente a “ser manauara”; quanto grupo social, no caso do uso do item estar associado à comunidade *Tal Qual Dublagens* e à comunidade LGBT+ (cf. BARROSO, 2017); e uma última, a comportamentos e escolhas individuais, no caso de (-STE) indexicalizar certas posturas e características que são mais próprias da persona Titia Tal Qual, como engraçada, divertido entre outros.

Considerando os resultados, retomamos a concepção de que os significados sociais das práticas linguísticas dos sujeitos, assim como em Eckert (2008), não devem ser compreendidos a partir de uma noção de estabilidade, mas de dinamicidade e fluidez, uma vez que as informações ou traços sociais que eles expressam são múltiplos e refletem o modo como os sujeitos se identificam e são identificados no mundo social.

REFERÊNCIAS

- AGHA, A. The social life of cultural value. *Language & Communication* 23. 2003. p. 231-273.
- AMARAL, K. *Enfraquecimento das fricativas na fala manauara retratado na página Tal Qual Dublagens*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2016.
- AMARAL, K. O. do. Emergência de usos linguísticos inovadores em comunidades de práticas: o caso de [-STE] na página Tal Qual Dublagens. *Working Papers em Linguística. Gramática do uso*, v.21, n. 1, p. 168-196, 2020a.
- AMARAL, K. *Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-STE} na página Tal Qual Dublagens*. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020b.
- AMARAL, K. O uso variável de [-ste] na página Tal qual dublagens e a construção de identidade social. *Working Papers em Linguística*. v. 22 n. Especial: Multifuncionalidade, mudança e variação: uma homenagem à professora Edair Maria Görski, p. 327-354, 2021.
- BABILÔNIA, L.; MARTINS, S. A influência dos fatores sociais dos pronomes tu/você na fala manauara. *Revista Guavira Letras*. Três Lagoas, v. 13, p. 46-60, 2015.
- BARBUIO, E. *Percepção da orientação sexual de homens gays e heterossexuais por meio de características acústicas da fala*. Tese de Doutorado em Linguística. João Pessoa: Programa de Pós-Graduação em Linguística (CCHLA/UFPB), 2016.
- BOURDIEU, P. *Sociologia* (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.
- ECKERT, P. Variation, convention, and social meaning. Paper presented at the *Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland, 2005.
- ECKERT, P. *Meaning and linguistic variation: The third wave in sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- ECKERT, P. Communities of Practice, In: BROWN, K. & ANDERSON, H. (Eds.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*, Vol. 2, Oxford, Elsevier: 2006, p.683-685.
- ECKERT, P. The limits of meaning: Social indexicality, variation, and the cline of interiority. *Language*, 95(4), 2019, pp. 751-776. <https://doi.org/10.1353/lan.2019.0072>.
- ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, 41, 2012. pp. 87-100. <https://www.annualreviews.org/doi/pdf/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, v. 12, n. 4, p. 453-476, 2008.
- FREIRE, S. *Amazonês: Expressões e termos utilizados no Amazonas*. Manaus: Valer, 2011.
- Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 125-149, jan/jun. 2022.
DOI: 10.22456/2238-8915.122795

GORSKI et al. Por uma noção de domínio sociofuncional. [no prelo], 2022.

GUTIERREZ, S. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. Rio de Janeiro: 32ª Reunião Anual da Anped, 2009.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guarareira Lopes Louro, 10 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HERNÁNDEZ-CAMPOY. *Sociolinguistic styles*. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2006.

KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING, N. (Ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. ed. Oxford, U.K.: Blackwell, p. 448-467, 2013.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso (Trad.). São Paulo: Parábola, (2008 [1972]).

MARTINS, S; MARTINS, V. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar do manauara: um estudo no panorama da variação pronominal do português do Brasil. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*, Vol. 3.1, 2014, p. 177-195.

MILROY, J. Social networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING, N.(eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. 2. Ed. Oxford, U.K.: Blackwell. 2002. p. 409-427.

RHEINGOLD, H. *La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1995.

SCHERRE, M. M. P. et al. Variação dos pronomes Tu e você. In: M. Martins; J. Abraçado (Eds.) *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*, 2015, pp. 133-172. São Paulo: Contexto.

SILVA FILHO, M. R; PALHETA, S. P. *Ser ou não ser? Os gays em questão: uma leitura antropológica das gírias utilizadas pelos homossexuais em Belém-PA*, 2008. Disponível em: http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupo_s_de_trabalho/trabalhos/GT%2028/milton%20ribeiro%20da%20silva%20filho.pdf. Acesso em 08/08/2019.

SILVERSTEIN, M. Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language and Communication*, v. 23, n. 3-4, p. 193-229, July/Oct. 2003.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. *Language in society*, v. 1, p. 179-196, 1972.

VASCONCELOS, S. *A interferência dialetal na representação gráfica de fricativas na escrita de manauaras*. 2017. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.

WELLMANN, B. 'Physical Place and Cyber-Place: The rise of Networked Individualism'. Paper presented to *Community Informatics: Connecting communities through the web*. University of Teeside, 2000.

WILLMOTT, P. *Social Networks, Informal Care and Public Policy*. Policy Studies Institute, London, 1986.

Artigo submetido em: 28 fev. 2022

Aceito para publicação em: 29 abr. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.122795>